

} 1.2.

Leonardo Coimbra (1883-1936)

A filosofia é mais do que um sistema e um tratado

João Ferreira*

1. O que é a filosofia: dois livros, dois lados do problema

Nada melhor para entendermos a tese que iremos desenvolver neste trabalho do que analisar, em termos gerais, a natureza das duas obras centrais do pensamento de Leonardo Coimbra. De um lado, *O Criacionismo*, publicado em 1912, e de outro, *A Alegria, a Dor e a Graça*, saído em 1916.

Ao ter de apresentar uma tese de concurso para professor assistente do grupo de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Leonardo pensou num trabalho que significasse o esboço de um sistema filosófico. É assim que é apresentado *O Criacionismo* em 1912. Para seus examinadores e para a comunidade especializada em Filosofia, Leonardo tinha de mostrar uma metodologia rigorosamente científica. Para atender a esta exigência, toda a espinha dorsal de sua tese é estruturada com base no esboço de um sistema filosófico. No Livro I ocupar-se-á da análise científica, em sete capítulos, subordinados às seguintes temáticas: o método, o número, o espaço, a matéria, a vida, o espírito e a sociedade. O Livro II terá dois capítulos: O Criacionismo e Deus e as mónadas.

* Universidade de Brasília.

Ao se colocar perante os seus juízes, Leonardo pensa no esboço de um sistema. Era a atitude filosófica lógica e natural a ser tomada antes de mais nada numa Academia rigorosamente formal. Mas havia outras preocupações derivadas de aspectos ideológicos e de crenças. Entre elas, uma posição pública que era necessário tomar perante a inteligência positivista, materialista e cética da intelectualidade portuguesa e europeia. Na realidade, teria de pensar em dois auditórios e em duas classes de leitores. De um lado, o auditório e a classe dos positivistas, dos evolucionistas materialistas e dos céticos. De outro, o auditório e a classe dos espiritualistas e criacionistas que defendiam a vida, a consciência e a luz do espírito para além da verdade físico-química. Obedecendo a este imperativo, Leonardo concentra-se, elabora e escreve *O Criacionismo*. A obra passará a ser um grande marco de seu espírito filosófico e inquiridor.

Em sua essência, *O Criacionismo* não seria apenas uma resposta de sistema para o debate europeu entre materialismo e espiritualismo. Era também uma tomada de posição firme frente ao positivismo que assolava a mentalidade dos dirigentes oficiais da Academia Portuguesa. Em Portugal, levantava-se uma grande muralha que impedia o acesso às reformas fundamentais do ensino e da vida cidadã. A partir de *O Criacionismo*, passará a haver em Leonardo um filósofo que se fixa num sistema sem empanar, contudo, o outro filósofo que circula pelas coisas, e que olha e encara a vida com espontaneidade e verdade. É o filósofo de *A Alegria, a Dor e a Graça*, que significa a ampliação da reflexão filosófica e da contribuição dada ao país no período da revolução literária e espiritualista da Renascença Portuguesa (especialmente de 1910 a 1916).

2. Colocar a alma em face do mundo

A razão que levará Leonardo a abrir o sistema está condensada na sua resolução de "colocar a alma em face do mundo". Isto significa que a observação e a admiração no sentido aristotélico passarão a ser a muleta de comportamento que condicionarão seu ato de filosofar.

Colocar a alma em face do mundo vai proporcionar a construção de uma visão de mundo baseada tanto na realidade do mundo sensível como na dialética da própria vida existencial, cultural e social que vivia seu próprio país.

Toda esta reflexão filosófica e cultural proporcionará a Leonardo Coimbra ser simultaneamente um filósofo com a capacidade de elaborar um sistema e ao mesmo tempo circular em torno das coisas, "encarando o mundo" em sua dinâmica.

3. Aproximação da filosofia com a vida

A resolução de "colocar a alma em face do mundo" dará a Leonardo mais facilidade de aproximação da filosofia com a vida. A leitura de *A Alegria, a Dor e a Graça* proporciona-nos a compreensão da natureza aberta do espírito filosófico, que foi uma questão central tanto para Leonardo Coimbra como para Henri Bergson. Na conferência intitulada *A intuição filosófica* pronunciada no dia 10 de abril de 1911 no Congresso de Filosofia de Bolonha, Itália, Bergson apresenta algumas questões básicas importantes sobre a filosofia e o filosofar. Ao se questionar sobre a natureza do espírito filosófico reitera uma tese que vinha defendendo desde 1889 no *Essai sur les données immédiates de la conscience*: "Parece-me, diz Bergson, que a metafísica procura, neste momento, se simplificar, e se aproximar da vida. Eu creio que ela tem razão e é neste sentido que devemos trabalhar" (*"Il me semble que la métaphysique cherche en ce moment à se simplifier, à se rapprocher de la vie. Je crois qu'elle a raison et que c'est dans ce sens que nous devons travailler"*). Cf. BERGSON, H. «L'intuition philosophique». In: *La Pensée et le mouvant*. 22.^e édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1946, p. 117). Leonardo Coimbra, que acompanhava o debate europeu da filosofia e nutria especial atenção pelo pensamento bergsonista, concordava plenamente com este recado. Sentia que o filosofar era algo que mexia com a consciência do ser e que importava trabalhar no sentido de aproximar a filosofia da vida. Para ele, simplificar o filosofar era fazer da atividade filosófica uma profissão vital e não um exercício simplesmente escolaresco.

Partindo destas bases, Leonardo dotaria a filosofia de uma nova dinamicidade, fazendo-a circular em torno da problemática humana e ontológica. Aceitando o princípio «de que a metafísica deve se aproximar da vida», irá dar legitimação a um processo de valorização aberta da alegria, da dor e da graça, o tríptico escolhido por Leonardo Coimbra num livro que é considerado sua obra mais expressiva. Se já, em 1911, Bergson defendia que a metafísica procurava simplificar-se e se aproximar da vida, haveria que tentar, ele mesmo, uma tarefa complementar muito importante. Essa tarefa consistiria em "levar a filosofia a ultrapassar os muros da escola e a se aproximar da vida" (*"faire sortir la philosophie de l'école et la rapprocher de la vie"*) (BERGSON, H., *La Pensée*, p. 139). Tal proposta surgida dos arraiais bergsonianos defendia que a filosofia elaborada nas escolas não devia ser um ato fechado. Consequentemente não devia ser tida como a verdade suprema, nem como o ato final do filosofar. "O filosofar – no dizer do próprio Bergson – é um ato simples", e, por isso, o entendimento desta verdade poderá significar a libertação do próprio filósofo que virará, ao filosofar, um mensageiro teórico da

vida. "Encarar a vida", propósito expresso de Leonardo em *A Alegria, a Dor e a Graça*, terá sido uma convicção abraçada desde cedo. Conciliar agora esta convicção com as teorizações intelectualistas e metodológicas exigidas pela universidade de Lisboa terá sido para ele um desafio liminar, dado que teve de comprometer-se *com a apresentação de uma tese científica obedecendo a um modelo sistêmico*. Em seu espírito porém, por tendência e por escolha, há uma força mental circulante, que lhe diz que o filosofar tem de ultrapassar os muros da escola. Bergson tinha anunciado, em 1911, e ele sabia bem disso, que a metafísica em novas formulações estava se aproximando da vida. Se há filósofo com inclinação natural para aproximar a filosofia da vida, este filósofo é Leonardo Coimbra. Sua capacidade de não se escravizar a preceitos ou axiomas transitórios é notória como notória é a habilidade que sempre teve de saber circular para "encarar a vida". Este é o lado do *Leonardo Coimbra perceptivo* que nunca deixou de ser filósofo quando premido pelo movimento da vida. Esse Leonardo é aquele que mostra a *capacidade de circular em torno do fenômeno* e o descobre em seus aspectos sensíveis observando-o e filosofando sobre os sinais arquetípicos que o mesmo contém.

É a isto que nós chamamos a *amplificação do comportamento meramente acadêmico* que demonstrou em *O Criacionismo*, quando entendia a filosofia como rigoroso sistema e como austero discurso de tratado, enquanto agora, diante de uma realidade mais concreta e vasta, o mesmo Leonardo é levado a encarar a filosofia numa dimensão bem menos estreita, dando lugar a uma epistemologia não cartesiana que tonifica com mais verdade sua metafísica humanizante.

4. Nada de entraves do sistema

Pelo que expusemos até agora, Leonardo mostra os dois lados próprios de um filósofo de vocação: um lado que se fixa num sistema e outro lado em que o filósofo sabe encarar a realidade nua e crua que descobre e transforma em palavra filosofante ao circular pelo mundo. Esses dois lados descobrem-nos um pensador que entendeu que o ofício principal do filósofo é se abrir permanentemente para as modalidades da realidade que desafiam a reflexão filosófica frente ao ser e ao devir-ser.

Leonardo torna evidente que a filosofia deve ser uma investigação e uma procura livre e aberta, sem predeterminações. Toda a metodologia do filosofar deve ter este pressuposto. Por isso mesmo é necessário romper com os entraves colocados pelos sistemas já que não é da natureza da filosofia nem da ciência serem sistemáticas. Bergson pregava muito claramente a necessidade

de não confundir o espírito filosófico com o espírito de sistema: "A filosofia não deve ser sistemática! Isso era um paradoxo já na época em que Claude Bernard escrevia [1865] mas era para aí que a opinião pública se inclinava, fosse para justificar a existência da filosofia fosse para a proscriver ou para identificar o espírito filosófico com o espírito do sistema". [*"La philosophie ne doit pas être systématique! C'était là un paradoxe à l'époque où Claude Bernard écrivait et où l'on inclinait, soit pour justifier l'existence de la philosophie soit pour la proscrire, à identifier l'esprit philosophique avec l'esprit de système"*] (*Ib.*, 236-237). Exatamente porque não deve ser identificado o espírito filosófico com o espírito de sistema, devem por isso mesmo serem banidos os entraves sistemáticos tanto da filosofia como da ciência, tal como ensinava Claude Bernard (1813-1878): "*Il faut chercher à briser les entraves des systèmes philosophiques et scientifiques... La philosophie et la science ne doivent pas être systématiques*" [É preciso procurar quebrar os entraves dos sistemas filosóficos e científicos... A Filosofia e a ciência não devem ser sistemáticos"] BERNARD, Claude. *Introduction à la médecine expérimentale.* [1865]. Citado por Henri Bergson. In: *La Pensée et le mouvant.* 22.^o édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1946, p. 236.

5. A realidade do mundo sensível

A abertura da reflexão filosófica para a vida, em Leonardo Coimbra, deve-se em parte à sua capacidade de observação, à sua sensibilidade, às suas leituras e à sua múltipla atividade cultural. Em evidência, pela escrita de *A Alegria, a Dor e a Graça*, está a valorização que Leonardo dá à realidade sensível e ao mundo das sensações, das percepções, das emoções e dos sentimentos.

O retorno à reflexão sobre a realidade sensível acontecia na Europa desde o final do século XIX, seja como reação contra o idealismo seja como tentativa de pôr limites ao sistema positivista. Em 1889, o pensador francês Jean Jaurès, bastante citado por Leonardo, publica um livro com o título de *De la réalité du monde sensible*. Aparece como uma tese apresentada à Faculdade de Letras de Paris. A obra é estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro sobre o problema do método e o oitavo, ou último, sobre consciência e realidade. Fica patente que as preocupações espiritualistas de Jaurès eram as de ultrapassar as barreiras materialistas de um certo evolucionismo e positivismo que tinha tomado conta da intelectualidade francesa e europeia. Preocupações comuns, aliás, a Bergson e a Leonardo Coimbra. Era importante mostrar que o mundo das sensações para esses filósofos era tido em conta, mas sem que isso significasse

uma adesão ao materialismo, pois o importante era considerar que ao lado de todo o complexo biológico emergiam o movimento e a consciência.

Esta revalorização do mundo sensível estava patente não apenas nos livros de Jean Jaurès, mas também nas telas do impressionismo e nas epistemologias sensistas que vinham por tradição do aristotelismo medieval e da história da filosofia inglesa, chegando à própria poesia modernista portuguesa de Fernando Pessoa e de Orpheu, acompanhada de perto por Leonardo Coimbra.

Para Leonardo, o mundo das sensações é pertinente também em filosofia, como nos aparece repetidamente em claros textos de *A Alegria, a Dor e a Graça*: "Nas sensações dá-se-nos um universo agradável, rico de vestuários, repassado na sua mínima parcela de imaculada inocência e irredutível realidade. É o ser pleno, de cores e harmonia sem termo" (COIMBRA, L. *A Alegria, a Dor e a Graça* (=ADG), pp. 42-43). As sensações são, portanto, uma linguagem a ter em conta (*Ib.*, p. 211) e têm seu valor (*Ib.*, p. 40). A sua pertinência está patente na força do impressionismo que se preocupa com "a desconstrução dos mecanismos de conhecer e sentir" (*Ib.*, p. 40).

O sensacionismo é em Leonardo "uma forma de encarar o mundo" e torna-se importante, segundo ele, não só sublimar as sensações e as emoções mas também pagar um tributo "à real situação do sentir e do conhecer" (*Ib.*, p. 40).

6. Uma epistemologia não cartesiana

Esta convergência do lado aberto da filosofia, da aproximação da filosofia com a vida e da disposição de encarar a realidade sensível por parte de Leonardo Coimbra leva-nos frontalmente a uma epistemologia de caráter não cartesiano.

Essa epistemologia não intelectualista e não cartesiana é notoriamente uma característica fundamental do modernismo português e do movimento de Orpheu representado por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Por mais diferentes que sejam as personalidades, a convergência para este tipo de epistemologia não cartesiana é uma realidade cultural em Portugal que não pode ser negada. Dada esta convergência no panorama cultural português em tempos de Renascença Portuguesa e Orpheu, não pareceria inteira loucura admitir, ainda que timidamente, que em Leonardo e Fernando Pessoa transparecem dois modernismos paralelos, já que é patente uma epistemologia não cartesiana tanto em *A Alegria, a Dor e a Graça* como em vários poemas modernistas de Fernando Pessoa e de outros poetas de

Orpheu. O debate nos levaria ao estudo global da presença de Marinetti e de seu manifesto futurista tanto em Pessoa como em Pascoaes, em Leonardo Coimbra e Almada Negreiros – o que deverá ser feito com muito senso e muito cuidado.

Desta forma, a epistemologia não cartesiana manifestada por Leonardo em *A Alegria, a Dor e a Graça* forma uma frente uníssonas na intelectualidade portuguesa. Leonardo Coimbra e Fernando Pessoa foram colegas e membros da Renascença Portuguesa por algum tempo em 1912. Em sua evolução paralela, por vias diferentes, representarão o vitalismo e o sensacionismo. Leonardo, falando em nome da filosofia; Fernando Pessoa, em nome da arte e da literatura. Ao construir o heterônimo Alberto Caeiro a partir de 1913, Pessoa parte de uma fundamentação estética a que chama sensacionismo. Através do heterônimo Álvaro de Campos, Pessoa apresentará uma teoria estética não cartesiana em "Apontamentos para uma estética não aristotélica". Este texto definirá os horizontes de uma estética que deve ter como fundamento sua atenção à vida e à sensação. A primeira manifestação de "doutrina não-aristotélica da arte" é colocada por Álvaro de Campos nos "assombrosos poemas" do norte-americano Walt Whitman. A segunda, "nos poemas mais que assombrosos de meu mestre Caeiro"; e "a terceira está nas duas odes – a *Ode Triunfal* e a *Ode Marítima* – que publiquei no "Orpheu" [1915] (cf. PESSOA, F. *Obras em Prosa*. Texto "Apontamentos para uma estética não aristotélica", pp. 240-246). Nesse fragmento, com data provável fixada em 1914, Fernando Pessoa diz que "as emoções e os desejos são *manchas de humanidade* que têm de ser tiradas da alma quando ela procura a atitude científica" (PESSOA, F., *Obras em Prosa*, 239).

Se demos atenção à dupla construção feita pelas duas ilustres figuras portuguesas, um em estética, e outro em filosofia, descobrimos a vigência de uma nova epistemologia em Portugal no primeiro quartel do século XX. Trata-se de uma epistemologia não cartesiana, não racionalista ou, como diz Álvaro de Campos, "uma estética não aristotélica", quer dizer "não intelectualista".

Há muita coisa a estudar e a pesquisar para podermos ver em conjunto esta convergência de epistemologias não cartesianas em Portugal. Objetivamente, sem paixões, poderiam ser esclarecidas algumas posições ainda obscuras no panorama cultural português desse tempo. Ajudaria muito tentar compreender detalhadamente o que fez, leu e pensou Leonardo Coimbra nos tempos em que era um militante de *A Águia* e da *Renascença Portuguesa* no período de 1910 a 1916, ou seja dos 27 aos 33 anos, exatamente quando a busca era procurar e reafirmar a alma portuguesa lídima, não absorvida por aculturação francesa ou estrangeira, tarefa que interessou a Leonardo e a Pessoa. Quanto ao

Poeta da *Ode Triunfal* já temos os elementos necessários para compreender a revolução estética que culminou com a criação dos heterônimos e a publicação da revista *Orpheu* em 1915. Cinco anos mais novo do que Leonardo Coimbra, Pessoa tinha, em 1916, 28 anos e Leonardo, 33. A publicação de *A Alegria, a Dor e a Graça* em 1916, com as características que tem e diante da primitiva história da Renascença Portuguesa, não deixa de suscitar interrogações sobre um terreno comum de debate que tiveram Pessoa e Leonardo. Trata-se de uma nova reflexão sobre o papel do mundo sensível em resposta direta ao racionalismo, abstratismo e intelectualismo que reduzia a realidade a um esquematismo mental. No fundo, o que parece deduzir-se daqui é que a realidade é preferencialmente dinâmica e não um jogo de reducionismos teóricos. Estes são apenas um jogo mental, não a própria realidade. Era um princípio sabido mas havia que reafirmá-lo. Essa tendência produziu em parte o impressionismo, o vitalismo (Ruskin, W. Dilthey, Nietzsche, Bergson, Jaurès). Sendo um jovem quando publicou *A Alegria, a Dor e a Graça*, Leonardo foi ator e testemunha viva do que se passou no ambiente filosófico e literário português após o lançamento do programa da Renascença Portuguesa e do Modernismo com a revista *Orfeu* em 1915, juntamente com Pascoaes, Jaime Cortesão e outros muitos intelectuais portugueses.

7. A bandeira nietzschiana

Embora em campos diferentes, Fernando Pessoa e Leonardo queriam um espírito de restauração da Pátria portuguesa. O texto de *A Alegria, a Dor e a Graça* faz-nos voltar a esta relação precisamente quando os dois se encontram dando à sensação um lugar de relevo como expressão de vida. Isso leva-nos a lembrar leituras comuns de um autor presente nas preferências dos primeiros republicanos portugueses. Há um veio nietzschiano na modernidade literária portuguesa. Encontra clima favorável a proposta neogarretiana do renascimento pátrio junto do grupo republicano de *A Águia*, associada à mística e utopia da "Pátria Nova", incarnada no programa político da jovem república em 1910.

Nietzsche é a figura que rejeita o doutorismo intelectualista e os ditames crepusculares do século XIX. No livro *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche aconselhava seus leitores a se livrarem dos doutos: "Livrai-vos dos doutos". Era um tom antidecadente que visava denunciar o cansaço de uma sociedade atingida pelo tédio. Nietzsche é o porta-voz de uma bandeira nova, vitalista. Segundo Zaratustra, "a alegria é mais profunda que a dor. A dor passa e acaba. A alegria quer a eternidade, quer a profunda eternidade" (Cf. NIETZSCHE, F. – *Assim*

falou Zaratustra. Paris: ed. Mercure de France, 1914, p. 471). Nietzsche apresentava em sua doutrinação a modernidade do entusiasmo, do orgulho, da autoconfiança e da alegria. Estes valores fascinaram os jovens republicanos portugueses acabrunhados com a onda de estrangeirização que atingiu a intelectualidade portuguesa e as raízes da identidade nacional.

8. Alinhando na corrente vitalista que vinha do século XIX

Ao destacarmos a atitude de Leonardo Coimbra que consegue lidar com o sistema e transcendê-lo ao mesmo tempo, é nossa intenção chamar a atenção sobre a modernidade de sua inteligência essencialmente autônoma e aberta no que se refere à percepção de algumas realidades culturais europeias de seu tempo. Refiro-me à conscientização que teve da corrente vitalista em expansão no fim do século XIX, e cujos representantes foram, na Alemanha, Wilhelm Dilthey e Nietzsche e, na França, Henri Bergson, entre outros. Esta opção de Leonardo pelo vitalismo significa, de um lado, uma escolha temática num mundo variado de correntes em seu tempo e, de outro, a rejeição da epistemologia racionalista que era apanágio das correntes filosóficas tradicionais provenientes da linha racionalista de Descartes, Leibniz e Espinosa, e também de Kant e Hegel.

As marcas da nova epistemologia sensacionista estão escancaradas em *A Alegria, a Dor e a Graça*. São por um lado uma superação do abstratismo e da intelectualização e, por outro, a indicação de que para além do sistema fechado que não representa toda a filosofia, Leonardo crê na vida e está atento aos movimentos vitalistas europeus, mostrando-se disposto a valorizar as sensações e a "*colocar a alma em face do mundo*", o que é "um dever de todo o que quer conhecer os inícios da Beleza e até do que pretende ser leal para com a Realidade" (ADC, pp. 39-40).

9. Leonardo e a Renascença Portuguesa

Seria importante avaliar a postura e as preocupações filosóficas, culturais e literárias do autor de *O Criacionismo* no interlúdio que vai desde 1910 a 1916. O intervalo é fecundo para nos mostrar alguns elementos importantes que definiram tendências e gostos entre filósofos, educadores, políticos e autores de literatura. Importa lembrar que enquanto LC redigia o *Criacionismo*, a Renascença Portuguesa se firmava como movimento cultural importante. Leonardo fazia parte da cimeira do movimento juntamente com Pascoaes.

Numa entrevista publicada em *O Mundo*, ano 12, n. 4283 de 10 de agosto de 1912, recolhida na edição das obras completas feita pela Imprensa Nacional (Vol. I, Tomo II, pp. 411-417), Leonardo *defende a necessidade de implantar em Portugal um ideal coletivo baseado na riqueza espiritual da alma popular portuguesa*. Na defesa que faz da Renascença, mostra a necessidade que há de cuidar do lado espiritual dos portugueses numa luta dura que pressupõe um embate entre espiritualismo e materialismo num país dominado pela "fascinação dos figurinos estrangeiros" (*Ib.*, p. 413). Como parte deste programa de contato com o povo, a Renascença desenvolverá um programa cultural através de conferências das Universidades populares em que Leonardo se envolveu.

No campo da cultura e da filosofia portuguesa, e no campo vivencial da educação como pensador e mestre, e também no campo do conhecimento teórico, e da experiência comunitária lusitana como pensador, político e cidadão, Leonardo entendeu a luta sofrida e analfabeta de muitos portugueses. A sociedade pedia uma ação. Desde o final do século XIX, a bandeira lusitana do grupo neogarretiano posteriormente reconhecido e continuado por Teixeira de Pascoaes e seu grupo, acusava que Portugal praticava uma inescrupulosa importação cultural francesa deslustrando todos os valores da tradição lusíada. O movimento cultural de *A Águia*, movido pelo novo espírito de renascimento republicano, retomou a tese neogarretiana querendo pôr fim à desnacionalização cultural. Leonardo Coimbra aderiu e no seio do movimento da Renascença Portuguesa iria promover uma revolução profunda na educação, na cultura e no pensamento português.

10. Filosofia, cultura e humanismo

Partindo do princípio de que a Educação é uma força libertadora e que "*compete à educação tornar o homem livre*", Leonardo defende que o homem só será livre quando puder ser o criador dos valores morais por que se regula. Para isso "a educação, segundo ele, tem de ser integral, não desprezando nenhuma das necessidades do espírito humano nem se escravizando a qualquer preconceito" (entrevista publicada em *A Montanha*, Diário Republicano da tarde (Porto), Ano I, n. 246, 15 de dezembro de 1911).

As universidades populares foram um dos maiores testemunhos de sua praticidade educacional. Com o tempo e a evolução, a educação sempre acompanhará sua filosofia criacionista desde os pensamentos exposto em *A Águia* e a Renascença Portuguesa até ao exercício da implantação de um sistema de ensino quando assumiu a pasta da instrução em 1919. Depois veio a fundação da Faculdade de Letras do Porto, onde exerceu um magistério

fecundo, e deixou discípulos famosos que prolongaram seu pensamento. Nesta terceira frente, à medida que a experiência, a idade e o conhecimento e o sentido da socialização da cultura foram se tornando realidades prementes, Leonardo deixou várias sinalizações que nos permitem hoje traçar dele um retrato mais completo, retrato que vai desde seu currículo de aluno distinto do curso de Letras em Lisboa, até à apresentação do texto de seu criacionismo, à publicação de *A Alegria, a Dor e a Graça*, a *S. Francisco de Assis* e a *O Homem às Mãos com o Destino*. Isto significa substancialmente que, além do filósofo que se apresentou à Faculdade de Letras de Lisboa armado de uma boa dissertação tentando um sistema filosófico que chamou sistema criacionista, havia em Leonardo um apelo existencial que levava seu espírito a usar a palavra oral e escrita em favor da alfabetização do povo, a cantar e dissertar sobre a alegria, a dor e a graça, a unir-se às celebrações do centenário de S. Francisco de Assis, louvando a espiritualidade franciscana, e a debruçar-se sobre temas existenciais fortes como a consideração do homem às mãos com o destino.

Parece ser mais do que justo atentar para estes aspectos que ultrapassam sua primeira preocupação sistêmica quando se apresentou a exame universitário em Lisboa para ingresso na Academia. Ou seja, é justo e oportuno sublinhar o lado humanista da filosofia de Leonardo Coimbra, que presumimos ser sua mais nobre característica.